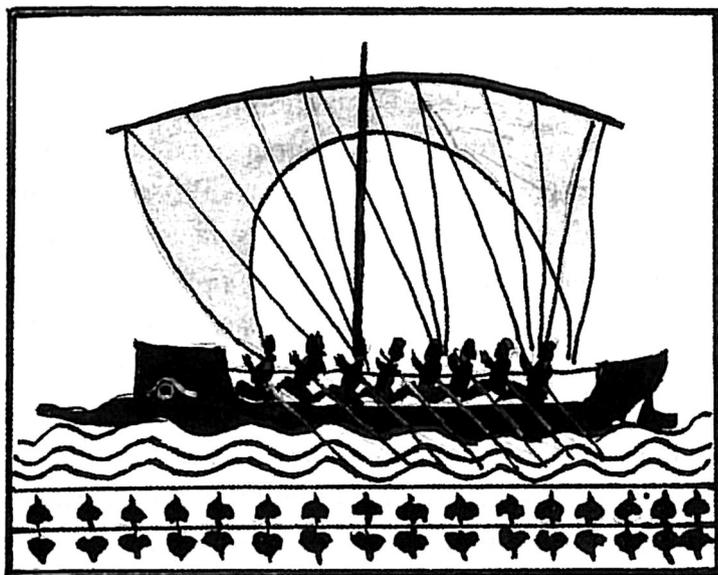


Frederico Lourenço

A Ilíada de Homero Adaptada para Jovens

Desenhos originais de Richard de Luchi

 QUETZAL



O conflito

NO COMEÇO DO TEMPO, de ouro era a raça dos homens na terra. Eram como deuses, viviam sem desgraças, não sabiam o que era o sofrimento. Não envelheciam e, se um dia morriam, a morte não era mais que um suave adormecer. A primavera durava centenas de anos e a terra oferecia frutos abundantes; não era preciso trabalhá-la. A vida tinha o brilho da felicidade permanente e a morte era, também ela, feliz.

Mas o tempo, a que tudo está sujeito, determinou que depois desta raça viesse a raça de prata. Agora já havia

primavera e verão, mas os homens eram piores do que os anteriores. Os homens desta raça tinham uma infância de cem anos; mas viviam por pouco tempo, depois de serem adultos. Eram vaidosos e inconscientes: o que mais lhes importava era verem-se no espelho dos objetos que fabricavam, feitos de prata. Pela sua própria loucura sofreram desgraças e entre si mostraram arrogância desmedida.

Depois que a terra cobriu esta raça, veio o inverno e a tremenda raça de bronze. Estes eram homens temíveis, que não comiam pão; alimentavam-se só de carne abundante e dedicavam-se apenas a matar. Tinham uma força imensa, eram possantes e enormes; maltratavam as mulheres e todos os mais fracos. De bronze eram as suas armas, de bronze as casas, em bronze trabalhavam (pois o ferro ainda não existia). Mas, apesar de temíveis, a morte venceu-os: acabaram por se matar uns aos outros.

Depois desta raça, horrível e sangrenta, veio pela primeira vez a estação do outono e com ela uma quarta raça de homens. Esta foi a raça dos heróis e semideuses. Eram atletas perfeitos e nobres guerreiros, que viviam segundo as leis da honradez. No entanto, esta raça foi vítima das armas. Todos acabaram por morrer. Envolveram-se numa guerra tão justa quanto injusta, que os levou em naus da Grécia para Troia. A causa foi Helena, que Páris, o troiano, raptara a Menelau. Ora o rei Menelau tinha recebido Páris na Grécia, no seu palácio revestido de ouro; deu a Páris gentil hospitalidade. Mas Páris ignorou as leis da honradez, pois a loucura do amor sobrepôs-se à razão. Raptou Helena do palácio de seu marido, e com ela navegou até Troia.

Indignados com tal ofensa, todos os Gregos se uniram. Juntou-se um grande exército, que da Grécia partiu para Troia. Mil naus carregadas de armas e soldados venceram o mar e assentaram arraiais à frente de Troia, cidade riquíssima cujo rei era Príamo, pai já idoso de Páris. Durante nove anos os Gregos sitiaram a cidade; durante nove anos sofreram fome, frio, privações e doenças. Mas os Troianos recusavam-se a entregar Helena, que permanecia escondida no palácio de Príamo. Pois ela receava mostrar-se aos Troianos, e por isso se escondia no interior do palácio. Passava os seus dias diante do tear, a tecer uma grande e colorida tapeçaria, em que bordava a história de todos os combates que Gregos e Troianos por ela travavam.

Os Troianos não cediam; os Gregos desesperavam. Mas um dia, de repente, algo de estranho ocorreu no acampamento dos Gregos: os animais começaram a morrer. Os cães do acampamento, que os soldados gregos se tinham habituado a alimentar, começaram todos a morrer; depois morreram os cavalos. Em breve começaram os homens a morrer de doença negra e funesta. As piras dos mortos ardiavam continuamente.

Vendo o que se passava, agitou-se o coração do melhor de todos os Gregos; ao ver as mortes de cavalos e de homens, Aquiles reagiu depressa. E logo tratou de convocar uma assembleia, chamando todos os reis gregos que tinham vindo para Troia. Convocou Menelau, primeiro marido de Helena; e convocou Agamémnon, irmão de Menelau, que chefiava a expedição dos Gregos. Convocou Ulisses, rei de

Ítaca, conhecido pela inteligência das suas artimanhas; convocou os grandes guerreiros Ájax e Diomedes, assim como o distinto ancião, o velho Nestor, o mais sábio de todos quantos tinham vindo para Troia. Não se esqueceu de convocar o ilustre adivinho, Calcas, que sabia ler a vontade dos deuses. Pois só Calcas podia dizer se havia uma razão que explicasse a epidemia, que tudo matava no acampamento. E Calcas soube explicá-la.

Mas a razão da epidemia não agradou a Agamémnon. Era tudo por causa da bela Criseida, cativa de guerra, que ele recusara entregar a seu pai. É que na impossibilidade de saquearem a cidade de Troia, ao longo dos nove anos em que estiveram acampados, os Gregos conquistaram as cidades circunvizinhas, donde levavam as mulheres para serem suas escravas. Era o que tinha acontecido a Criseida, por quem Agamémnon acabou por se enamorar.

O adivinho na assembleia lembrou o seguinte: o pai de Criseida era sacerdote de Apolo. Ele tinha vindo, há poucos dias, ao acampamento dos Gregos, carregado de ouro e de prata, para resgatar a filha e levá-la de novo para casa. Mas Agamémnon tinha-o mandado embora com palavras agressivas, dizendo-lhe com violência:

— Que eu nunca mais te volte a ver aqui, ó ancião! Não voltes nunca mais, pois de nada te servirá seres sacerdote de Apolo. Não libertarei a tua filha. Ela ficará aqui comigo; e comigo irá quando eu voltar para a Grécia. Retira-te de imediato! Não me encolerizes, para partires são e salvo. Faz como eu digo, para que nenhum mal aqui te aconteça.

Fora assim que Agamémnon maltratara o sacerdote de Apolo. O ancião, choroso, amedrontara-se e obedecera às palavras ouvidas. Caminhou em silêncio junto da praia do mar cheio de ondas. Depois de se ter afastado para longe, levantou as mãos e rezou ao deus Apolo:

— Ouve-me, Senhor do Arco de Prata! Lembra-te da dedicação com que cuido do teu templo. Concede-me agora esta dádiva: que com as tuas flechas os Gregos paguem as minhas lágrimas!

Assim rezou. E Apolo ouviu-o. Desceu do Olimpo, morada eterna dos deuses, com o coração agitado de ira. Nos ombros trazia o arco e a aljava. Chegou ao acampamento como chega a noite. O deus sentou-se depois a uma pequena distância e disparou uma seta: terrível foi o som produzido pelo arco de prata. Primeiro atingiu os cães e os cavalos. Depois começou a disparar contra os homens, que logo morriam de doença horrível. Era esta a causa da epidemia.

Assim que o adivinho deu a sua explicação, Agamémnon levantou-se furioso na assembleia. Tinha o coração cheio de negra raiva e os olhos pareciam fogo faiscante. Com olhar maldoso, foi ao adivinho Calcas que ele dirigiu a palavra:

— Adivinho de desgraças, nunca profetizaste em meu benefício! Aquilo de que mais gostas é de profetizar sofrimentos! Nunca uma palavra benfazeja saiu da tua boca. Agora estás a dizer que foi por minha causa que Apolo trouxe esta desgraça, porque não aceitei o resgate pela minha serva Criseida. Ouve então o que te digo: se isso salvar

o exército, estou disposto a restituir Criseida ao pai, já que isso é do interesse de todos. Mas só o farei na condição de me darem outra serva, pois todos veem como estou a ser prejudicado.

Logo se levantou Aquiles, indignado, que deu ao rei esta ousada resposta:

— Glorioso Agamémnon, mais ganancioso de todos os homens! Como queres tu que nós te demos uma serva? Achas que há aqui algum fundo comum, cheio de servas que ficaram por distribuir? Todos os despojos das cidades saqueadas já foram distribuídos. Restitui agora Criseida a seu pai. E nós te daremos uma recompensa três vezes mais valiosa, quando Zeus nos permitir saquear Troia.

Mais irado ainda lhe respondeu Agamémnon:

— Não penses enganar-me, ó Aquiles. O que tu queres é passar à minha frente. Mas isso tu não farás, pois em primeiro lugar estou eu. Queres tu ficar com a tua serva, forçando-me a ceder a minha? Era o que faltava! E se nenhum de vós me quiser dar recompensa condigna, irei a uma das vossas tendas e de lá tirarei aquilo que eu quiser.

Com sobrolho carregado lhe respondeu então Aquiles:

— Não tens vergonha de só pensares no teu proveito? Como queres que alguém te respeite, como queres que alguém te obedeça? Sobretudo quando estamos todos a sofrer por vossa causa, a sofrer por ti e pelo teu irmão. Eu pela minha parte não tenho nada contra os Troianos, pois a mim eles em nada me ofenderam. Nunca me levaram bois ou cavalos, nem jamais na minha pátria, na fértil Ftia, prejudicaram

as colheitas, pois é grande a distância e muitos obstáculos há de permeio: montanhas sombrias e o mar retumbante. Nós seguimos-te até Troia para beneficiarmos Menelau; é por vossa causa que andamos a combater os Troianos. Mas nisto tu não queres pensar. E ameaças vir tu próprio tirar-me o prémio, pelo qual tanto me esforcei pelos Gregos. Nunca recebi prémios como os teus, das vezes que saqueámos as cidades aliadas dos Troianos. A maior responsabilidade na guerra tenho eu de assumir; mas quando chega o momento da distribuição dos prémios, tu ficas com a maior parte e eu com coisa pouca. Não, recuso-me a ficar aqui nestas condições. Amanhã voltarei para a Ftia com as minhas naus, pois não estou disposto a ficar aqui, a acumular tesouros para ti.

Logo de imediato lhe deu Agamémnon esta resposta amarga:

— Foge da guerra, se é isso que tu queres! Não serei eu a pedir-te que fiques por minha causa. De todos os reis gregos és para mim o mais odioso. Aquilo de que tu gostas são conflitos e disputas. Mas vai, volta para tua casa com as tuas naus e os teus companheiros. Pois não quero saber de ti, nem me interessa a tua ira. Mas isto ficas já a saber: assim como Apolo me tira a minha serva, irei à tua tenda tirar-te a tua, para que percebas finalmente que estou acima de ti. Que doravante ninguém se atreva a declarar-se meu igual e comparar-se a mim na minha presença!

Quando Aquiles ouviu estas palavras, apoderou-se dele uma dor terrível. Hesitou se haveria de desembainhar a espada e matar Agamémnon; ou se seria capaz de acalmar a

ira e refrear o coração. Enquanto pensava no que fazer, tirando com a mão a espada da bainha, apareceu de repente a deusa Atena, vinda do Olimpo, visível apenas para Aquiles. A deusa agarrou no cabelo loiro de Aquiles, que se virou para trás, espantado. Atena disse-lhe então estas palavras:

— Desci do céu para refrear a tua fúria. Desiste do conflito, não tires a espada. Insulta-o com palavras, tantas quantas quiseres. Pois no futuro oferendas ainda mais valiosas te serão trazidas, por causa da arrogância dele.

Assim falou a deusa e logo partiu para o céu. Aquiles voltou a repor a espada, tal como lhe dissera Atena, e virou-se de novo para Agamémnon. Falou-lhe com palavras agressivas e carregadas de raiva:

— És um bêbedo, um cão, um covarde! És vil e reles e a tua alma não tem gota de nobreza! Combater a sério, no furor da batalha, isso é coisa que nunca fizeste nem quiseste fazer. Muito mais agradável é ires pelo exército, arrancando os haveres a quem te levanta a voz. Rei predador do próprio povo, é sobre um exército de nulidades que tu reinas. Se assim não fosse, ó Agamémnon, esta seria a tua última insolência.

Aquiles aproximou-se rapidamente do arauto, que segurava o cetro do rei, e arrancou-lhe o cetro das mãos. Depois disse:

— Vês este cetro? Vês como nunca mais voltará a dar folhas? É por ele que farei este enorme juramento. Não voltarei a combater. Mas um dia os Gregos terão necessidade de mim. E nesse dia tu não poderás socorrê-los, visto que não vales nada. Verás todos os Gregos a cair chacinados,

às mãos do grande Heitor, filho de Príamo, homem muito mais nobre do que tu. E nesse dia te morderás todo de raiva e de remorsos, porque não honraste o melhor dos Gregos, que sou eu.

Assim falou Aquiles, atirando o cetro ao chão. Quanto a Agamémnon, continuava lívido de fúria, mas não se atrevia a enfrentar Aquiles, com medo de que Aquiles se descontrolasse por completo e o matasse. Foi então que entre eles se levantou Nestor, o límpido orador, velho monarca de Pilos. Da sua língua fluíam palavras doces como mel. Duas gerações de homens ele já vira morrer; e agora reinava sobre uma terceira. Bem intencionado, assim se dirigiu à assembleia:

— Ah, como é grande a desgraça da Grécia! Na verdade, quem tem a ganhar com estas disputas são os Troianos. Muito se alegrariam Príamo e seus filhos se soubessem do que se está aqui a passar. Agora ouvi-me a mim, pois sou mais velho e na vida já vi muita coisa. Conheci homens de outras gerações, mais fortes do que vós, e nunca esses homens me desconsideraram. Portanto oiçam agora o meu conselho. Não queiras tu, ó Agamémnon, tirar a serva a Aquiles; pois foi a ele que os Gregos deram esse prémio. Quanto a ti, ó Aquiles, não procures conflitos com o rei, pois devemos honrar os reis, porque o poder deles vem de Zeus. Sabemos que és mais forte, pois és filho de uma deusa. Mas ele é mais poderoso, porque reina sobre mais súbditos. Agamémnon, abandona a tua cólera contra Aquiles, pois todos precisamos dele como forte baluarte na guerra.

Mas Agamémnon não se deixou convencer. Respondeu assim a Nestor:

— Aquele homem quer estar sempre acima dos outros, quer prevalecer sobre todos. Todos sabemos que ele é um grande guerreiro, mas é isso que lhe dá o direito de nos insultar?

Aquiles interrompeu-o e disse estas palavras:

— Só se eu fosse um covarde e uma nulidade é que te daria alguma consideração. A outros dá as tuas ordens, mas não penses mandar em mim. Pois decidi nunca mais te obedecer. E ouve mais isto que tenho para te declarar: não levantarei as mãos por causa da serva, visto que me tiras algo que me foi dado. Mas dos meus outros haveres, que estão junto da minha nau, desses nada levarás contra a minha vontade. Se tentares, rapidamente da minha lança correrá o teu sangue.

Pararam finalmente de se injuriar com palavras violentas e a assembleia dispersou-se junto da praia onde estavam as naus. Aquiles dirigiu-se às suas tendas, na companhia de Pátroclo, seu melhor amigo e companheiro.

Por seu lado, Agamémnon fez lançar ao mar uma nau veloz. Escolheu vinte remadores e fez embarcar a bela Criseida. Como comandante foi o ardiloso Ulisses, que se responsabilizou por entregar a donzela a seu pai. Este recebeu a filha com alegria e rezou ao deus Apolo:

— Ouve-me, Senhor do Arco de Prata! Tal como antes deste ouvidos à minha prece, e para me vingares dizimaste a hoste dos Gregos, também agora faz que se

cumpra isto que te peço: afasta dos Gregos a pestilência repugnante.

Assim rezou e Apolo ouviu-o. A terrível epidemia chegou ao fim.



Mas Agamémnon não desistiu da ameaça que fizera e chamou até si dois arautos, a quem ordenou que fossem à tenda de Aquiles tirar-lhe a serva, uma jovem bonita cujo pai era Briseu e por isso lhe chamavam Briseida. Os arautos obedeceram a Agamémnon, ainda que contrariados, e caminharam cabisbaixos ao longo da praia do mar cheio de ondas. Chegaram às naus e às tendas dos Mirmidões, o povo de que Aquiles era o rei. Encontraram-no sentado na companhia de Pátroclo, junto da sua tenda, mas não se atreveram a dizer uma única palavra. Ficaram ali em pé, com medo do rei dos Mirmidões, sem saber o que haveriam de dizer.

Aquiles, no entanto, percebeu a situação e disse-lhes:

— Aproximai-vos, ó arautos, mensageiros de Zeus e dos homens. A culpa não é vossa, mas de Agamémnon, que aqui vos manda para levarem Briseida. Que assim seja. Caro Pátroclo, vai lá dentro e traz a serva para eles levarem. E que eles sejam agora testemunhas perante Zeus e todos os deuses: não voltarei a combater, nem que todos os Gregos sejam chacinados pelos Troianos.

Assim falou; e Pátroclo obedeceu ao companheiro e trouxe da tenda a bela Briseida, dando-a aos arautos para eles a levarem. Briseida chorava, pois apesar da servidão afeiçoara-se a Aquiles, e não queria ir para a tenda de Agamémnon. Mas os arautos levaram-na, muito contrariada.

Mal eles se afastaram, Aquiles rompeu em lágrimas. Foi sentar-se na praia, junto do mar, e chorou durante muito tempo, incapaz de se controlar. Mas depois olhou para o mar e levantou as mãos; e orou à mãe bem-amada, enquanto vertia lágrimas amargas.

Sentada nas profundezas do mar, na gruta subaquática que era o palácio de seu pai, a deusa Tétis ouviu a voz de Aquiles, seu filho. Rapidamente, como a névoa marinha, emergiu do mar cinzento. Sentou-se junto do filho a chorar na praia e acariciou-o com a mão.

— Meu filho, porque choras? Porque sofres desta maneira? Fala, diz-me o que aconteceu.

Suspirando profundamente, Aquiles deu esta resposta à mãe:

— Mãe, tu já sabes. Para quê falar a quem tudo sabe? Sabes que saqueámos uma cidade aqui perto e que de lá trouxemos ouro e servas. Mas Agamémnon foi obrigado a restituir a sua serva, cujo pai é sacerdote de Apolo. E o rei tirou-me a serva que era minha, pois não queria ficar sem compensação. O que te peço agora é que Agamémnon seja castigado, que sinta na pele a falta que lhe faço, pois jurei que não voltava a combater. Vai até ao Olimpo, até ao palácio de Zeus, e pede-lhe que favoreça os Troianos na guerra e que passe a prejudicar os Gregos. Sei que Zeus tem

uma dívida para contigo: só tu o defendeste naquele dia em que os outros deuses se revoltaram contra ele. Pede-lhe, pois, que favoreça os Troianos, para que Agamémnon perceba que devia ter honrado o melhor dos Gregos.

Ao ouvir as palavras do filho, também Tétis começou a chorar.

— Ah, meu filho! Porque te dei à luz, amaldiçoada, porque te criei? Quem me dera que pudesses viver sem lágrimas e sem sofrimento, visto que curta é a tua vida, sem duração! Está destinado que seja breve a tua vida e mais do que todos os outros sofrerás. Mas como sei que demover-te é coisa que não conseguirei, farei a tua vontade e irei ao palácio de Zeus. Julgo poder convencê-lo. Os homens sofrem, os deuses condoem-se, mas todos estamos sujeitos ao destino.

No dia seguinte, Tétis não esqueceu o que prometera ao filho. Emergiu de manhã cedo da onda do mar e subiu até ao céu, ao Olimpo. Encontrou Zeus sentado longe dos outros deuses, no píncaro mais elevado do Olimpo de muitos cumes. Sentou-se junto dele e com a mão esquerda lhe agarrou os joelhos, enquanto com a direita lhe tocava no queixo; pois era este o gesto tradicional de súplica. Depois falou a Zeus nos seguintes termos:

— Zeus, se alguma vez te auxiliiei com palavras ou atos, faz que se cumpra esta minha prece: honra o meu filho, que está destinado a uma vida curta. O rei desonrou-o, tirando-lhe o prémio que era dele. Castiga agora Agamémnon, dando a vantagem aos Troianos na guerra, para que os Gregos percebam o que devem ao meu filho.

Assim falou a mãe de Aquiles. Mas Zeus não lhe deu resposta. Ficou sentado durante muito tempo em silêncio. Tétis, que continuava a agarrar-lhe os joelhos, disse então:

— Promete o que te peço e em sinal da tua promessa inclina a cabeça. Ou então recusa (pois ninguém te pode forçar a nada), para que eu saiba que de todos os deuses sou aquela que menos consideras e estimas.

Zeus respondeu-lhe a contragosto:

— É triste aquilo em que me lanças, pois provocará com Hera um amargo conflito: ela que já me acusa de favorecer os Troianos na guerra. Agora peço-te que te retires discretamente, para que Hera não te veja. Refletirei como cumprir o que me pedes. Inclinarei agora a cabeça para ti, para que acredites, pois da minha parte esta é a maior garantia entre os deuses imortais. Nenhuma palavra por mim confirmada ao inclinar a minha cabeça é revogável ou falsa.

Assim falou Zeus, inclinando a cabeça de escuros cabelos azuis. As madeixas imortais moveram-se e o alto Olimpo tremeu. Tétis saltou do Olimpo coberto de neve para o mar profundo. E Zeus dirigiu-se para o seu palácio.

À sua entrada, todos os deuses se levantaram; nenhum ousou ficar sentado. Zeus sentou-se no seu trono. Porém a visita de Tétis não tinha passado despercebida a Hera. Logo falou a Zeus com palavras mordazes:

— Quem foi a deusa que há pouco se aconselhou contigo? Muito gostas tu de me maneres afastada e nada me confidencias de tua livre vontade.

O pai dos homens e dos deuses deu-lhe esta resposta:

— Hera, não penses que alguma vez conseguirás compreender os meus pensamentos. Portanto não me faças perguntas nem procures saber o que me vai no espírito.

Hera, a deusa rainha dos olhos grandes, exclamou:

— Filho de Crono, que palavra foste tu dizer? Nunca no passado tive o hábito de te perguntar o que quer que seja, mas sempre descansado pudeste planear o que bem querias! O meu receio é este: que Tétis tenha procurado influenciar-te, levando-te a favorecer os Troianos, para assim honrares Aquiles.

Zeus, o deus das nuvens, respondeu assim à mulher:

— Se o caso é como dizes, é porque foi essa a minha decisão.

Assim falou; e Hera ficou sentada em silêncio, tentando controlar as emoções no coração.

Os deuses banquetearam-se durante todo o dia, até ao pôr do Sol; e nada lhes faltou naquele festim, nem mesmo a lindíssima lira, tocada por Apolo, nem mesmo o canto das Musas, que entoaram um canto alternado, respondendo umas às outras com voz maravilhosa. Quando desceu a luz brilhante do Sol, cada qual foi para o seu palácio descansar. Zeus também se deitou no seu leito; e ao seu lado dormiu Hera, deusa do trono de ouro.